A onda reacionária e sua chancela ideológica na crise democrática

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

No artigo analisamos alguns aspectos da hegemonia reacionária direitista que subverteu as aspirações democráticas em diversas partes do globo, reconhecendo que esse espírito reativo sempre existiu, mas que por circunstâncias históricas e políticas específicas encontraram terreno fértil para sua explosão mundial. Contudo, sem adotarmos qualquer postura pessimista, apresentamos indicativos possíveis para subversão dessa disposição reacionária que tanto viola a dignidade humana em sua luta por emancipação.

Palavras-chave: Reacionarismo; Massa**;** Política; Democracia; Revolução.

* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ; professor da FACC-UFRJ.

Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, as ideias e as pessoas em putrefação. E creio que um homem que toma posição contra essa morte, é, em certo sentido, um revolucionário
(FANON, 2008, p. 186)

Introdução

Recalcados pelo fracasso do projeto neoliberal em organizar o mundo pós-Guerra Fria e pelos desastres sociais provocados pelas crises sistêmicas que a especulação financeira promovida pelas inescrupulosas ações corporativas tanto causou a nível global, somado ao fato de que diversos governos comprometidos com a agenda de esquerda, com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social obtiveram êxito razoável por anos especiais, os sectários direitistas permaneceram relativamente silenciados mediante a efervescência das governanças avessas ao ideário do Estado Mínimo. Contudo, em um contragolpe violento, a agenda reacionária de setores truculentos da direita ressurge com força corrosiva por todas as partes do mundo, ameaçando as conquistas democráticas efetivadas pelos governos comprometidos com o progresso social das suas populações, governos que, não obstante suas concessões ao empresariado e ao sistema financeiro, não pouparam esforços políticos para reorganizar suas estruturas sociais de modo a promover melhorias fundamentais na qualidade de vida das suas respectivas populações, tornando-as efetivas cidadãs. Para que possamos mudar esse quadro reacionário devemos compreender seus motivos e efeitos, conforme nos

dedicamos a seguir, não sem antes fazermos um quadro geral do reacionarismo manifestado nas mais diversas acepções.

Panorama da escalada reacionária no mundo

A democracia autêntica sofreu duros golpes no decorrer de 2016. Em escala global, pudemos perceber a hegemonia do reacionarismo direitista em seus mais diversos espectros, causando ao mundo incertezas, tensões e mesmo desesperança momentânea.

A retórica virulenta do empresário filisteu Donald Trump em sua asquerosa xenofobia, misoginia e misantropia generalizada granjeou ao controvertido candidato republicano a vitória nas eleições presidenciais dos EUA, evidenciando o desejo de uma grande parcela da população ianque em ser conduzida por um insano incendiário no comando nacional, pouco se importando com as consequências mundiais dessa loucura entronada. Os eleitores democratas tiveram a oportunidade de escolher como candidato nas primárias Bernie Sanders, cujo discurso mais à esquerda no espectro do partido inflamou a consciência de muitos jovens que lutam por mudanças radicais na gestão política norte-americana a nível nacional e internacional. Bernie Sanders encontrava muito mais força moral e capital político para derrotar Trump nas urnas, mas preferiram escolher Hillary Clinton como a candidata democrata que, apesar dos seus méritos políticos, é muito mais alinhada ao establishment governamental usual. Fez falta um pouco mais de ousadia da parte dos adeptos do partido democrata norte-americano. Contra um extremista fascista, nada melhor do que a atuação de um extremista socialista, que coloca no bolso inúmeros políticos que se proclamam como socialistas, mas que são autênticos burocratas desvinculados de qualquer base social.

No contexto da efervescência reacionária manifestada em escala mundial, partidos de aspiração fascista conquistam cada vez mais espaço eleitoral em países europeus caracterizados durantes muitos anos pela manutenção de sólidas instituições liberais que garantiam aos seus habitantes valiosos direitos civis, agora ameaçados pelo risco da barbárie fascista que volta cheia de vigor com seu ódio contra todas as formas de vida que não coadunam com seus pobres limites identitários. A grande crise da imigração de pessoas que fogem de guerras civis, muitas delas causadas por erros estratégicos e hesitações do Conselho de Segurança da ONU e de países que se arrogam juízes do mundo, comprova a incapacidade de países hoje razoavelmente organizados de aceitar acolher esses imigrantes flagelados em seus perímetros nacionais em decorrência do temor de que a presença dessas pessoas indesejadas cause problemas internos em suas circunscrições territoriais, ocorrendo assim casos grotescos de ódio xenofóbico.

No Brasil tivemos todo o processo golpista capitaneado pela súcia temerária, ilegítima, imoral e ontologicamente corrupta, conforme os fatos evidenciados comprovam. Essa corja de degradadores da coisa pública brasileira, autoproclamados como os artífices da ponte do futuro que conduzirá o país ao progresso institucional, na verdade golpeará nossa estrutura republicana tornando-a um dócil paraíso dos clientelistas adeptos das falcatruas coronelistas que desde o passado já degradam a coisa pública brasileira. Essa equipe de espoliadores

do PMBD, partido sanguessuga nacional desprovido de qualquer projeto político comprometido com o progresso social brasileiro, não possui qualquer legitimidade para conduzir a política nacional. O fisiologismo é a base desse partido corrupto, e seus membros não hesitam em arruinar a república brasileira em nome dos seus propósitos escusos, favorecendo assim os interesses empresariais nacionais e internacionais. A revolta das elites contra a corrupção foi seletiva, demasiado seletiva, pois pouca importância dá ao fato de que a cúpula do PMDB é caracterizada por sua intrínseca improbidade administrada da coisa pública. Contudo, esses distintos membros possuem carta branca para saquearem impunemente o Brasil. Afirmo que já é hora que as marionetes defensoras do presidente temerário sejam defenestradas das suas funções. Contudo, a chusma reacionária dos direitistas que bateu panelas nas ruas exigindo a destituição do governo legal de Dilma Rousseff em nome da luta contra a corrupção pouco se importa com esses acontecimentos temerários, pois ela mesma se beneficia diretamente com a corrupção dos plutocratas cleptomaníacos da direita, interessados em estabelecer uma cisão social violenta na ordem pública brasileira. Octavio Ianni já apresentara outrora uma excelente interpretação sobre o caráter autoritário e autocentrado das assépticas elites brasileiras:

> As classes dominantes pouco ou nada se preocupam com a conquista da democracia. Em geral, os seus membros dispõem de prerrogativas, recursos, técnicas, poder propriamente dito, direitos de fato que lhes garantem o que o povo poderia conquistar – parcialmente – por meio do jogo democrático (IANNI, 2004, p. 156).

Dando sustentação a tamanha insanidade temerária na degradada ordem democrática brasileira, encontramos a tacanhez filisteia dos ideólogos da Escola sem Partido como propagadora de um projeto educacional despolitizado, acrítico, que visa cercear a liberdade de cátedra dos professores, em nome de uma pretensa preservação da integridade de consciência do alunado, imputado como refém do poder catequético de educadores-doutrinadores, conforme reza a cartilha espúria da Escola sem Partido. Assim como não existe governo reacionário sem teoria reacionária, também não existe tal exercício de poder sem que haja em seu bojo corrupto um suporte político que se sustente pela catalisação das aspirações de jovens frustrados, impotentes, ressentidos, que fazem da sua mediocridade existencial um grito histérico contra a "ameaça comunista" que espreita o Brasil. São os histriões do Movimento Brasil Livre, não apenas porta-voz da juventude direitista nacional que se vangloria de adotar posicionamentos reacionários perante as pálidas conquistas democráticas dos grupos tradicionalmente oprimidos na história política brasileira, mas também um verdadeiro grupo paramilitar que adota táticas fascistas para minar resistências de opositores aos desmandos autoritários dos consortes do presidente temerário e suas medidas antidemocráticas. Temos então um longo caminho a trilhar para a eliminação dessas escórias políticas.

Voltando ao âmbito da escala global, dentre tantas perdas em 2016 não podemos deixar de citar o nome de Fidel Castro. Para além de bem e de mal, um revolucionário que ousou sonhar a utopia de um mundo melhor, mais justo. Mesmo que medidas extremas tenham sido tomadas por tal meta, ainda assim foram válidas, pois a

história é um processo imanente prenhe de contradições, de conflitos, de incertezas, de instabilidades, onde não há personalidades absolutas, mocinhos e vilões maniqueístas, mas homens concretos imbuídos de projetos. Somente as novelas da indústria cultural e as narrativas espetaculares das corporações midiáticas pautam seus dramas e discursos nessas categorizações artificiais e caricatas próprias da mais chã consciência teológica. Nessas condições, o espírito revolucionário está acima das contingências axiológicas e preconceitos moralistas. Se fosse necessário que se repetisse tudo novamente, cada detalhe, cada procedimento, tanto melhor. Para se realizar a história é necessário que tenhamos, acima de tudo, coragem de enfrentar as situações aparentemente monolíticas. Toda revolução é um lançar-se ao desconhecido, ao vazio, e exige que se conheça e se controle os fantasmas interiores que muitas vezes causam conformismo no sujeito. Por isso a ação revolucionária apresenta seu caráter elevado, pois chacoalha as consciências de todos aqueles que aspiram por uma mudança efetiva para melhor, quebrando os elos que prendem a pessoa ao passado de penúria existencial que impede todo empoderamento e emancipação.

Por falarmos em revolução, que a celebração do centenário da Revolução Russa nos inspire a lutarmos arduamente pela criação de uma nova sociedade, supressora de toda forma de gestão capitalista do modo de vida. Para tanto, é imprescindível uma série de mudanças radicais na organização sociopolítica, assim como a formalização de um modo de pensar libertário. Um dos métodos fundamentais para o êxito de tal empreitada é conhecermos a essência do inimigo, e para tanto nos dedicaremos nas linhas seguintes a analisar alguns aspectos do espírito reacionário que se pavoneia desavergonhadamente por todas as partes no mundo.

A efervescência da consciência reacionária

Os grupelhos reacionários são avessos aos direitos civis e garantias constitucionais (falhas, diga-se de passagem) dos cidadãos. Quando o governo temerário e seus asseclas lançaram as bases para a destruição do projeto democrático brasileiro, os membros dessa chusma fascista silenciaram suas vozes estridentes que tanto gritaram outrora contra a esquerda (ainda que axiologicamente distorcida) no poder. Isso significa que os ideólogos que manipularam os anseios dessas classes reacionárias, assim como os estúpidos participantes desses movimentos insanos são não cúmplices passivos desse grande crime perpetrado contra a democracia brasileira, mas elementos efetivos fundamentais para a realização do delito soberano. Essas camadas reacionárias odeiam a esquerda radical e temem sua chegada ao poder pois sabem que nesse momento seus vitupérios contra a república brasileira serão punidos inapelavelmente. Por isso o discurso conciliatório que tanto agrada aos líderes carismáticos, não obstante sua boa vontade e fé sincera, não resolve os problemas internos nacionais. Em era de extremismos políticos é fundamental que se tenha energia para depurar da sociedade os elementos reativos que violam a diversidade cultural e que pretendem justamente imprimir na dimensão da vida política seu projeto de vida excludente e autocentrado.

O extremismo, tão criticado pela seráfica consciência liberal, por si não é prejudicial para o fazer político, desde

que em sua atuação se encontre o elã de realizar mudanças radicais na base social em favor da emancipação humana ampla e irrestrita, sociabilizando o acesso à educação, saúde, moradia, transporte. Nessas condições, somente o extremismo direitista, reacionário, plutocrático (mas que se apresenta publicamente de modo desavergonhadamente demagógico), é que deve ser combatido pela sociedade em nome de uma efetiva democracia fundada em bases populares cujo poder se encontra para além da estrutura parlamentar. Conforme argumenta Boaventura de Sousa Santos,

> O poder só é democrático quando é exercido para ampliar e aprofundar a democracia. Em seu sentido mais amplo, a democracia é todo o processo de transformação de relações desiguais de poder em relações de autoridade partilhada. Por isso não há sociedades democráticas; há sociedades que, quando governadas pela esquerda, estão em processo de democratização e, quando governadas pela direita, em processo de fascistização. Governar à esquerda é ampliar a democracia tanto nas relações políticas como nas relações sociais. Governar à direita é restringir a democracia nessas mesmas relações (SANTOS, 2016, p. 203).

Quanto mais à esquerda, melhor para o combate ao conformismo político, que prefere transferir o poder a um fascista que garante os privilégios classistas do que a um grupo empenhado em realizar a justiça social efetiva mesmo que usando métodos que se contraponham ao sacralizado formalismo jurídico e parlamentar, formalismo esse que apenas serve para manter cristalizadas as estruturas sociais do país, marcadas por suas antigas cisões estruturais. Vladimir Safatle argumenta que

> Estamos muito acostumados com a ideia de que a democracia realiza-se naturalmente como democracia parlamentar. Isso, no entanto, é falso. Uma esquerda que não tem medo de dizer seu nome deve falar com clareza que sua agenda consiste em superar a democracia parlamentar pela pulverização de mecanismos de poder de participação popular direta (SAFATLE, 2012, p. 51).

Para que se realize uma obra revolucionária é fundamental que se dissolva o fetiche da constitucionalidade, palavra sagrada para os puristas atrelados ao texto, que na prática pouco fazem para realizar transformações radicais na organização socioeconômica nacional. Todo movimento político de esquerda, ao conquistar o poder, jamais pode deixar de dialogar horizontalmente com suas bases sociais, pois são essas que lhe fornecem a força política necessária para a realização dos seus objetivos transformadores. As negociatas parlamentares, por sua vez, cheias de concessões espúrias em nome da dita governabilidade, não raro minam a energia criadora de um projeto político contestador do status quo. Um partido político revolucionário, irmanado com as suas bases sociais, não depende das flutuações parlamentares e suas demandas escusas para realizar seus objetivos radicais. Quando os opositores do regime entravam essas medidas essenciais para a perpetuação do espírito revolucionário, são justamente os movimentos sociais que dão ao grupo emancipador a capacidade material de enfrentar as forças contrarrevolucionárias, antidemocráticas. Seja por greves, boicotes, mobilizações coletivas ou outras medidas de grande impacto sociopolítico, a esquerda no poder quando orientada pela pureza do projeto

revolucionário não pode jamais temer perder sua capacidade de gestão da coisa pública. Somente a casta política oportunista, que não tarda a ser defenestrada dos seus assentos. Conforme muito bem apontado por Paulo Freire, "Os oprimidos precisam expulsar os opressores não apenas enquanto presenças físicas, mas também enquanto sombras míticas, introjetadas neles" (FREIRE, 1981, p. 81). Esse é um duplo trabalho a realizar na transformação política, pois quando o adversário hegemônico é derrotado, a sombra nefasta de seu poder continua a manifestar sua aura de terror. Por isso é fundamental que uma revolução realize plenamente a reestruturação social, para que os novos artífices se libertem de todo entrave concreto e simbólico do passado reacionário que tanto prejudicou o bem comum.

Muitos artistas decadentes procuram uma sobrevida na carreira vendendo atualmente a imagem de que são conservadores, críticos dos governos de esquerda, de que a solução para os problemas nacionais reside na privatização geral da coisa pública. Contudo, o conservadorismo apresenta sua face obscurantista até mesmo na formação dos artistas. Jovens aspirantes ao estrelato seduzidos pelo sonho de celebridade midiática que somente enaltecem suas aparências narcísicas não aceitam viver intensamente o processo de desnudamento interior, rechaçando qualquer análise mais profunda sobre o próprio fazer artístico e seu inerente despudor existencial. Para essa massa alienada que deseja crescer rápido na carreira sem qualquer preparo mais apurado, mantendo assim seus preconceitos adquiridos e seus tabus, estudar *O Erotismo* de Georges Bataille se configura como assédio sexual da parte do professor. Para o ator em formação, não basta a nudez do corpo, é imprescindível a nudez interior, e essa experiência radical poucos estão preparados a vivenciar, pois tal experiência apresenta o lado desconhecido da intimidade, recalcada com camadas e camadas de glamourização de um modo de vida espetacular desprovido de profundidade psicológica. Por isso é fundamental que o ator sempre busque se autoconhecer mediante exercícios meditativos, terapêuticos, pela reflexão filosófica, pelo treinamento corporal, pois assim se encontra em condições de atuar soberanamente na existência. Fugir dessa necessária reflexão é sintoma de decadência pessoal. O homem reacionário teme o erotismo, pois tal experiência promove o autoconhecimento das suas forças criadoras, exigindo, em contrapartida, sua capacidade de organizá-las na sua prática de vida, e por isso prefere então se refugiar na pornografia, que reifica e reduz a dimensão libidinal a um aspecto estritamente material, controlado pela ordem econômica. A arte, um dos baluartes de resistência imanente contra a barbárie, cada vez mais se torna um dos sustentáculos da mesma, pois o que vale para a geração em evidência é se converter em marca vendável no mercado midiático. Toda preocupação com a transformação social pela democracia autêntica é alheia ao imaginário desse grupelho narcotizado pelo fetiche da celebridade.

A mentalidade burguesa considera que de nada serve educação e saúde sem liberdade, mas de que adianta o pretenso usufruto da liberdade sem educação e saúde? Educação e saúde são realizações concretas na vida humana, fundamentais para sua formação e constituição na condução existencial. Já a liberdade, tão amada e buscada pelo gênero humano, jamais encontrou um consenso entre seus

muitos debatedores, desde as priscas era do passado até a atualidade. Liberdade não é se fazer o que se "quer", uma vez que sequer sabemos o que de fato queremos e qual a origem de nosso querer. Slavoj Žižek salienta afortunadamente que

> A verdadeira não é a liberdade de escolha feita a uma distância segura, como escolher entre bolo de morango e bolo de chocolate; a verdadeira liberdade se sobrepõe à necessidade, e uma escolha verdadeiramente livre é feita quando põe em jogo a própria existência do sujeito que escolhe – ela é feita simplesmente porque "não se pode fazer de outro modo" (ŽIŽEK, 2012, p. 124).

Muitas vezes acreditamos agir espontaneamente, mas somos estimulados por causas externas que, desconhecidas por nós, geram a ilusão de nossa autonomia decisória. Na dimensão burguesa, liberdade se resume ao poder de escolha entre produtos pré-selecionados pelo mercado, a capacidade heterônoma de se decidir entre serviços convenientemente disponíveis para o consumidor. A liberdade no sistema capitalista está atrelada pelo acesso aos bens e serviços disponíveis no mercado, fechado para os que não são economicamente viáveis. Wladimir Pomar salienta que

> No Brasil, somente os que possuem o poder econômico e os que participam do poder de Estado têm reais direitos democráticos, humanos e sociais. São verdadeiramente livres para decidir o destino das eleições, ter sua voz ouvida pela imprensa e obter cultura, saber e riqueza. O resto pode até não estar na condição de miseráveis, ainda possuir alguma dignidade a preservar, mas é simples coadjuvante no palco das encenações democráticas de atores principais. Está separado por um muro invisível de elaborados mecanismos de ilusionismo e repressão, daqueles que realmente têm o direito de definir o roteiro e representar (POMAR, 2002, p. 103-104).

A mentalidade reacionária não possui nenhuma legitimidade para contestar violações dos direitos humanos ocorridas nos processos revolucionários nos países que implementaram a gestão socialista em suas governanças. Os sectários direitistas não hesitam em defender a truculência policial contra os marginalizados sociais, enunciando a infame palavra de ordem de que "bandido bom é bandido morto", ou ainda o discurso negador de toda possibilidade de justiça segundo a qual "os direitos humanos são para os humanos direitos", isto é, para os "cidadãos de bem". O reacionarismo fascista pronunciado desavergonhadamente pelos defensores da necrofilia institucional pretende fazer da vida política um constante estado de exceção, onde todo desvio da ordem burguesa imputada como normal deve ser aniquilado inapelavelmente, fazendo assim com que a pureza axiológica e mesmo biológica se torne hegemônica. Contudo, essa virulência grotesca contra a marginalidade social não se manifesta contra os criminosos do topo da pirâmide, cujos delitos são muito mais perigosos para a gestão pública do que os praticados pelas hordas de párias que proliferam a cada momento justamente pela ineficiência proposital da governança atuar de maneira proba no seu mandato político. A grande diferença entre os idiotas reacionários que defendem a execução dos delinquentes de baixo estrato social e de todos os grupos políticos divergentes, e os regimes revolucionários que limparam suas sociedades dos

elementos reativos que prejudicavam o progresso das suas transformações políticas radicais, reside no fato de que os primeiros, pusilânimes, comumente ficam apenas na palavra, enquanto os segundos não hesitaram em realizar as ações mais extraordinárias em nome da causa emancipatória.

A consciência reacionária, destituída de autonomia, só encontra segurança existencial quando seu discurso tacanho reverbera entre seus consortes ideológicos. Anulado no meio da massa, o adepto da agenda reativa dá vazão covarde aos seus instintos reptilianos, pois só assim consegue expelir sua virulência. Uma situação digna de ser abordada é que as passeatas reacionárias usualmente ocorrem em regiões abastadas das grandes cidades brasileiras, pontos turísticos configurados como cartões-postais. Os grupelhos dos revoltados contra o empoderamento da esquerda não realizam suas micaretas políticas nos subúrbios, nos bairros periféricos, nos guetos, nas ruas das favelas, pois não se identificam com os habitantes dessas regiões. O contato com tais pessoas é puramente profissional, instrumental e funcional. Os revoltosos reacionários que apregoam valores elitistas somente se relacionam com os subalternos sociais por interesse material, para que essas pessoas trabalhem piamente para seus senhores exploradores, ou por interesse demagógico, para que essas massas constantemente esquecidas pelos políticos oportunistas e por toda a sociedade bem nascida apoiem suas pautas reacionárias fazendo número nas passeatas que, ao fim e ao cabo, defendem os interesses elitistas justamente contra os pobres da estrutura capitalista.

Os líderes das passeatas direitistas querem número em seus protestos indignados, mas não aceitam que os subalternos troquem seus uniformes de lacaios do patronato burguês por trajes comuns, pois assim realçam convenientemente quem é quem nas poses para as fotos que depois infestam as redes sociais. A imbecilidade burguesa que participa das manifestações em prol da purificação da república brasileira conforme os escusos critérios direitistas faz de sua presença nesses eventos um momento narcísico de autoglorificação, pois o que lhes importa é demonstrar aos seus pares sua adesão bovina no espetáculo de contestação da democracia. Entre uma palavra de ordem e outra, algumas fotos para encher seu álbum de fotos virtual. Um revolucionário autêntico ri dessa bobagem, pois se encontra na rua não para afirmar sua própria identidade autocentrada, mas para lutar pela realização de uma causa política que transcende sua mera individualidade. Um revolucionário de verdade não posa para fotos.

Todo processo revolucionário se pauta em bases concretas, reais, descartando-se assim os paradigmas ideais que postulam a existência da perfeição, da plena certeza e da verdade absoluta. Toda experiência revolucionária evidencia que o maniqueísmo gera fabulações metafísicas que confundem a ação transformadora e a sua inerente compreensão imediata dos acontecimentos e dos seus meandros. As contradições são intrínsecas a toda forma de vida, e o mesmo se aplica em um processo sociopolítico radical. Por conseguinte, conviria que toda ação revolucionária não exigisse ações extremas para a sua consecução, mas isso não é possível na dimensão da prática concreta. Paulo Freire, em sua visão sobre a ação transformadora da sociedade, postula sem meias palavras que

> A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida. Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma "morte em vida", e a "morte em vida" é exatamente a vida proibida de ser vivida (FREIRE, 2005, p. 197).

Analisemos o caso de Cuba: o que era tal país durante o regime corrupto de Fulgencio Batista? Um grande bordel do empresariado internacional, gerido pelo capital norte-americano. A Revolução Cubana, ao eliminar os elementos degradados da antiga influência ianque e ratificar seus propósitos socialistas, fez de cada cidadão um homem dotado de dignidade social, orientado por uma causa justa, a da emancipação. As privações materiais que acometeriam Cuba em decorrência do embargo imposto pelo imperialismo ianque auxiliaram, por vias tortas, a organizar a vida econômica e sociopolítica do país pelo crivo da disciplina e da frugalidade, disposições fundamentais para o sucesso da causa socialista, tanto na acepção ética, como também econômica, social, política e ambiental.

Em nome de seu projeto revolucionário, tanto ameaçado pela reatividade ianque que tudo faz para confundir a ordem global em favor dos interesses dos seus empresários inescrupulosos, a gestão de Fidel Castro insistiu durante muitos anos em cercear as liberdades individuais em prol da estabilidade do regime. Nós que estamos aparentemente inseridos em uma democracia liberal temos dificuldade de aceitar tal orientação política. Contudo, é imprescindível que façamos um esforço a mais, pois a justiça da causa socialista exigiu esses sacrifícios individuais. É o egoísmo autocentrado que impede a aceitação de medidas disciplinares que favorecerão a concretização dos interesses coletivos do bem comum posteriormente. De que serve uma democracia liberal que no fundo ratifica a opressão socioeconômica das elites sobre as massas e que impede que o todo social consiga obter sua plena expressão vital?

Não raro encontramos na conjuntura global países adeptos de paradigmas liberais defendendo regimes ditatoriais necrófilos que espoliam o povo, mas que servem candidamente aos imperativos capitalistas. Portanto, é hipocrisia que uma nação que tanto proclama defender a liberdade, mas que em sua sangrenta história política tanto suprimiu a soberania de outros povos ousa alçar sua voz como o baluarte da moral, da justiça e do liberalismo contra um governo que, em sua gestão socialista da coisa pública, evidenciou ao mundo a possibilidade de se estabelecer uma alternativa política absolutamente distinta dos vícios capitalistas. A prisão de Guantánamo, horrenda violação ianque sobre a soberania territorial de Cuba, é um atentado contra o Direito Internacional, e os crimes norte-americanos cometidos nesse espaço surrupiado são pusilanimemente varridos para baixo do tapete pela incompetência das Nações Unidas em exigir um definitivo encerramento de tais atividades. Todas essas situações demonstram que a pior ditadura existente é a do Capital, disfarçada de democracia liberal, formal e burocrática para realizar os direitos humanos, rápida e emergencial para salvar empresas irresponsáveis em situação de crise. Conforme argumenta István Mészáros,

> O Capital – por sua própria natureza e suas determinações internas - é incontrolável. Portanto, investir as energias de um movimento social na tentativa de

> reformar um sistema de fato incontrolável é um empreendimento muito mais infrutífero que o trabalho de Sísifo, já que a simples viabilidade mesmo da reforma mais limitada é inconcebível sem a capacidade de controlar aqueles aspectos ou dimensões do complexo social que se tenta reformar (MÉSZÁROS, 2010, p. 144).

O consumismo e o apego ao luxo são incompatíveis com a gestão socialista da vida, pois são elementos promotores de relações sociais fetichistas, onde a mercadoria adquire plena soberania perante os atores sociais. A ética socialista fornece ao sujeito a consciência de que a felicidade não é obtida através da satisfação dos seus desejos materialistas, mas pela conquista do bem-estar pessoal mediante a concretização de políticas promotoras da cidadania plena, pautada na educação, na saúde, na qualidade de vida compartilhada com o todo social. De que adianta crescimento econômico e elevação do índice de produção se grande parte da população não tem acesso aos bens ofertados no mercado? Ao quebrar justamente a onipotência do mercado, a gestão socialista permite que os cidadãos dissolvam as ilusões fetichistas do consumismo, direcionando suas forças vitais para o processo de empoderamento pessoal decorrente da solidariedade social no seu trabalho pelo sucesso nacional.

Os reacionários fascistas defendem piamente as ações criminosas perpetradas pelo regime militar no seu processo golpista de efetivação de seu regime de sangue, santificando tal poder como uma luta contra a desordem institucional, contra a ameaça comunista que pretensamente iria estabelecer a ditadura do proletariado no solo brasileiro. Porém, não aceitam que as forças libertárias de esquerda exerçam ações extremas pela efetivação da democracia socialista contra os poderes espoliadores instituídos, avessos ao bem comum. Os fascistas justificaram suas medidas sanguinárias como atos em favor da defesa da soberania nacional, mas sabe-se que altas cúpulas do regime militar atuavam como marionetes de interesses imperialistas, sucateando o patrimônio nacional em favor dos seus aliados estrangeiros. Os militares proclamavam lutar pela purificação da ordem nacional contra a corrupção, mas os maiores índices de corrupção ocorridos na história da república brasileira se encontram justamente nos ditatoriais anos de chumbo, atos ilícitos que não encontravam fiscalização e divulgação em decorrência da repressão imposta por esse regime. São esses militares, grandes ladrões que roubavam e mandavam matar, os verdadeiros traidores da pátria, os criminosos maiores por excelência. Se na vigência do regime militar houvessem forças rebeldes mais organizadas e mais resistentes, essa escória necrófila teria sido destruída inapelavelmente. A insanidade reacionária que defende a intervenção militar para salvar o país, por si só uma criminosa demanda inconstitucional, não compreende que inexiste nos altos escalões das forças armadas um projeto de organização nacional que satisfaça as demandas sociais de todos os cidadãos. As castas militares não são tão patrióticas como proclamam. Por isso é dever político de cada sujeito que não aceita a opressão fascista empreender todos os meios possíveis para destruir os núcleos de tais forças reativas incrustradas no tecido social. Um dos métodos mais importantes é a educação, desde tenra idade, para a democracia. Incentivar o jovem a falar por conta própria,

expressar suas ideias, dialogar com seus circundantes sem qualquer entrave moral. Educação horizontal e isonômica.

O fascista afirma que socialismo e liberdade não se misturam, são como água e óleo. Nada mais falso, pois o socialismo é justamente o regime sociopolítico que quebra as cadeias da privatização da existência e estabelece a isonomia concreta dos indivíduos. Ao suprimir o poder fetichista do dinheiro como o elo fundamental da sociabilidade, o socialismo promove a restauração da humanidade (perdida pelo regime de alienação laboral, pela exploração de pessoa sobre pessoa, pela coisificação do modo de vida degradante da produtividade capitalista e suas metas lucrativas que só beneficiam as elites plutocráticas), ao quebrar o caráter totalitário das corporações privadas em favor das ações cooperativas. O socialismo estabelece assim a efetiva autonomia humana, o senso de colaboração interpessoal para além do crivo mercadológico. Por conseguinte, é a gestão socialista que realizará a supressão da barbárie, ratificada pela tecnocracia capitalista e seus produtos necrófilos.

Considerações finais

O reacionarismo do homem-massa, protótipo do burguês-filisteu idiotizado, e acomodado, manifesta sua virulência nos mais diversos âmbitos da vida social. Sua existência tacanha e autocentrada é refratária a todo progresso político da democracia. O homem-massa se considera puro e moralmente perfeito, mas não hesita em agredir os miseráveis que encontra na rua. O homem-massa se aferra na balança da justiça para se livrar dos seus crimes, mas não hesita em defender as execuções policiais (a pena de morte não-oficial) para os marginais de baixo estrato social. O homem-massa, hipócrita contumaz, comunga tranquilamente com os pastores espoliadores do dinheiro dos ignorantes e apoia políticos corruptos defensores de corporações empresariais. O homem-massa se proclama cristão em sua fétida boca mas atuar como um assassino contra todos os que divergem das suas estreitas valorações. O homem-massa não é uma categoria econômica, mas uma disposição existencial e axiológica, de modo que pessoas da elite social que porventura renunciaram ao pensamento crítico em nome da adesão a causas idiotas fazem parte desse clã de mediocridade. Por isso é tão difícil a luta contra essa forma de pensamento perigosa para a democracia, pois não podemos identificar de imediato quem é massa e quem é singular. Apoiar causas emancipatórias que promovam a democracia não fazem de uma pessoa um homem-massa; pelo contrário, afirma sua singularidade existencial, pois sua dignidade social é legitimada. O homem-massa acredita que se singulariza ao lutar pela conquista egoísta dos seus direitos (sem deveres), mas na verdade apenas reproduz um padrão pré-estabelecido de comportamento. Ao aderir a movimentos coletivos capitaneados pelas especulações midiáticas, o homem-massa apenas evidencia a falta de autonomia na sua vida desorientada, pois tal figura apenas age por estímulos externos sem avaliar convenientemente a procedência dos mesmos. O homem-massa se aferra aos seus grilhões como se esses fossem sua própria libertação. Somente uma revolução interior e educação emancipatória são capazes de quebrar as correntes do homem-massa e fazê-lo lutar assim pela causa libertária da democracia.

Referências

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FANON, Frantz. **Pele branca, máscaras negras**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IANNI, Octávio. **A ideia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Atualidade histórica da ofensiva socialista: uma alternativa radical ao sistema parlamentar**. Trad. de Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2010.

POMAR, Wladimir. **Um mundo a ganhar: revolução democrática e socialista**. São Paulo: Viramundo, 2002.

SAFATLE, Vladimir. **A esquerda que não teme dizer seu nome**. São Paulo: Três Estrelas, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar a esquerda.** São Paulo: Boitempo, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. Trad. de Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.